

CONFIGURAÇÕES DE HOMICÍDIOS EM MACEIÓ (AL): UM ESTUDO DE CASO HOMICIDES IN MACEIÓ (BRAZIL): A CONFIGURATIONAL STUDY

Fillipi Lúcio Nascimento

Universidade Federal de Pernambuco, PE, Brasil
fillipi.nascimento@ufpe.br

Antonio José da Silva Neto

Universidade Federal de Alagoas, AL, Brasil
antonio.neto@ics.ufal.br

RESUMO

O objetivo da pesquisa foi analisar os aspectos configuracionais dos casos de homicídio doloso ocorridos na cidade de Maceió (AL) entre os anos de 2015 e 2017. O desenho metodológico proposto consistiu em estudo descritivo e exploratório de abordagem quantitativa sobre dados cedidos pelas Polícias Civil e Militar do estado de Alagoas e pela Secretaria de Estado de Ressocialização e Inclusão Social. Constatou-se que: os homicídios registrados no referido período foram mais frequentes aos finais de semana, no turno noturno; As vias públicas mostraram-se os principais locais de ocorrência desses delitos, com diferenças qualitativas associadas ao sexo da vítima; A dinâmica da criminalidade foi descrita como principal fator motivador dos casos analisados; Os perfis da vítima e do agressor apresentam similaridades em termos de sexo, cor, faixa etária e nível de instrução; Ambos os achados corroboram com os de estudos nacionais e internacionais. Evidenciou-se ainda a necessidade de estudos especializados de longo prazo a fim de identificar as condições que contribuem para a sustentabilidade das configurações de homicídio identificadas e descritas no presente estudo.

Palavras-chave: Homicídios. Configurações. Modus operandi. Maceió.

ABSTRACT

The aim of the research was to analyze the configurational aspects of intentional homicide cases that occurred in the city of Maceió (AL) between the years 2015 and 2017. The proposed methodological design consisted of a descriptive and exploratory study with a quantitative approach, based on data provided by the Civil and Military Police of the state of Alagoas and the State Secretariat for Resocialization and Social Inclusion. It was found that: homicides recorded during the aforementioned period were more frequent on weekends, during nighttime hours; Public streets were the main locations for the occurrence of these crimes, with qualitative differences associated with the victim's gender; The dynamics of criminality were described as the main motivating factor for the analyzed cases; The profiles of the victim and the aggressor show similarities in terms of gender, race, age group, and education level; Both findings corroborate those of national and international studies. The need for specialized long-term studies was also highlighted in order to identify the conditions that contribute to the sustainability of the homicide configurations identified and described in the present study.

Keywords: Homicides. Configurations. Modus operandi. Maceió.

INTRODUÇÃO

O que torna o homicídio objeto de estudo acadêmico? Para muitos, pode parecer estranho o fato de a academia dedicar esforços para compreender e explicar uma prática tão condenável. No entanto, sua magnitude e seus profundos impactos na sociedade elevam o homicídio ao patamar de problema público, demandando da comunidade científica análises criteriosas e especializadas destinadas ao seu enfrentamento. Nas Ciências Humanas, mais especificamente na Sociologia, avanços significativos

Recebido em 14/04/2023

Aceito para publicação em: 23/10/2023.

têm sido observados nos últimos 20 anos no que se refere às abordagens teóricas e metodológicas aplicadas na análise dos homicídios.

Os estudos configuracionais, em particular, destacam-se pela proposta de analisar o contexto situacional desses crimes. Diferentemente das análises tradicionais, que se concentram na relação entre variáveis individuais (características das vítimas e dos agressores) e produção do comportamento criminoso, os estudos configuracionais se dedicam ao exame das estruturas da situação do homicídio, estruturas que são definidas pelas combinações de elementos associados não só à vítima e ao agressor, mas também à agressão em si. No caso do agressor e da vítima, tratam-se essencialmente do gênero, da raça e da idade. No caso da agressão, referem-se à motivação do crime, à natureza da relação da vítima com o agressor, ao número de indivíduos envolvidos na agressão, ao tipo de arma utilizada e ao local e período em que ocorreu o crime. Todos esses elementos definem a estrutura do homicídio porque padronizam a natureza da dinâmica interpessoal que ocorre nesses eventos.

Comparado a outras unidades analíticas dos estudos especializados, o exame da estrutura das situações de homicídio mostra-se relevante por três razões: I) permite avaliar a dimensão e a natureza dos tipos de homicídio. Por exemplo, é possível identificar o número de estruturas qualitativamente distintas para qualquer período específico; II) permite comparar grupos e subgrupos sociais específicos para determinar se alguns tipos de homicídio têm uma estrutura mais complexa e diversificada do que outros. A análise comparativa dessas configurações ao longo do tempo também pode ser conduzida para identificar padrões historicamente extintos, emergentes ou estáveis; e III) permite superar as limitações dos estudos tradicionais, que ao privilegiarem as características do agressor ou da vítima, negligenciam a questão de por que determinadas situações de homicídios serem mais comuns do que outras em determinados contextos.

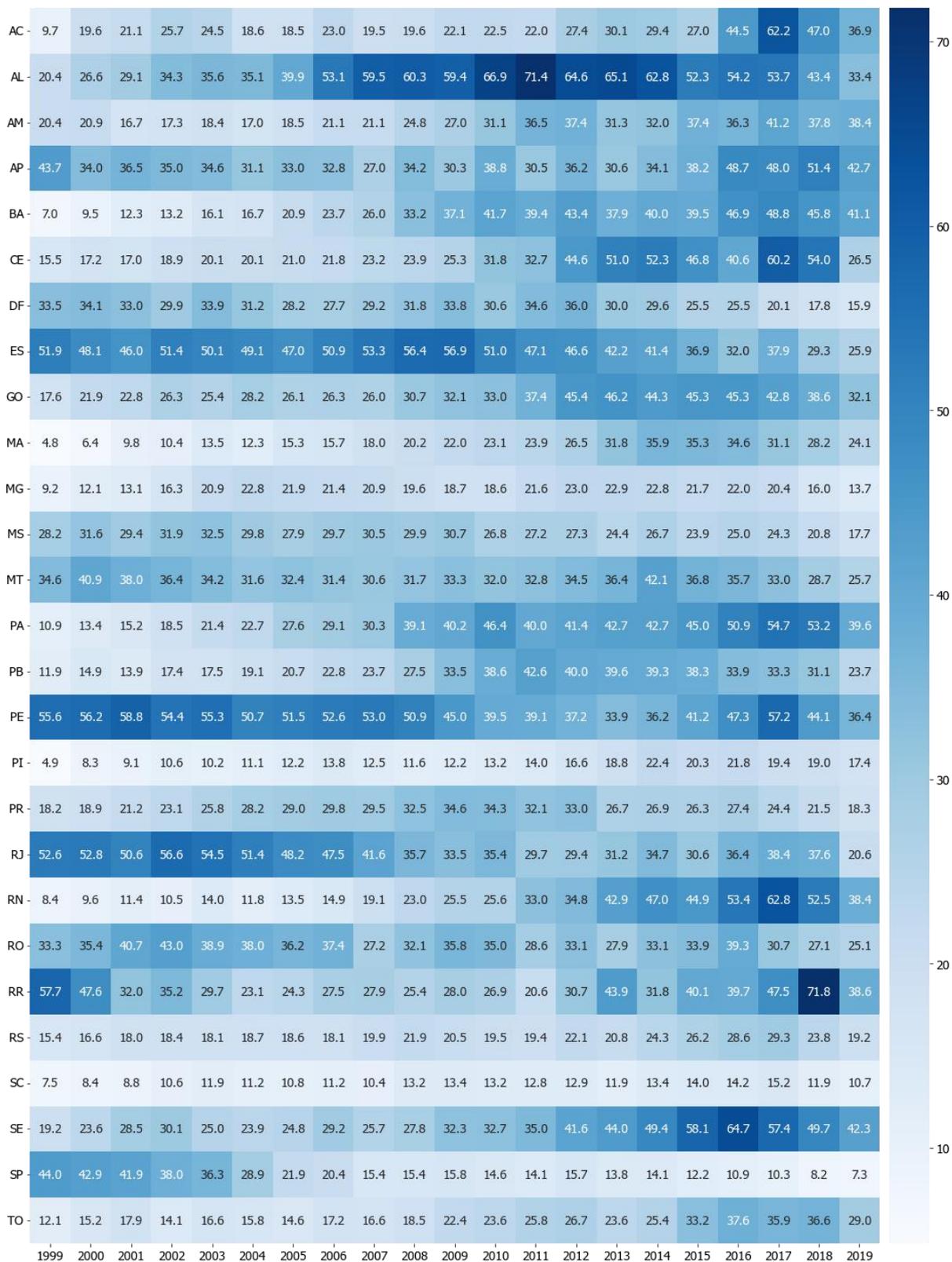
Na sociologia brasileira, estudos configuracionais de homicídios são escassos. Parte dessa escassez se deve à precariedade e às inconsistências dos dados sobre os casos de homicídio no Brasil, que por sua vez são problemas que se devem a “[...] uma complexa cadeia de processos sociais, burocráticos e administrativos, operados para fins distintos, por agentes e instituições não necessariamente preocupados com a qualidade do [dado] que se registra” (BORGES; RIBEIRO; CANO, 2021, p. 640). É bem possível que seja essa a razão por trás dos estudos que abordam de forma individualizada as dimensões da vítima, do agressor ou da agressão, uma vez que a indisponibilidade ou a imprecisão do dado inviabiliza uma análise integrada das três dimensões. No entanto, como já foi dito, esse tipo de “análise individualizada” relega interações relevantes entre as dimensões que informam o homicídio.

Entre as referências nacionais disponíveis, destacam-se os trabalhos de Ratton et al. (2011), Ana Paula Portella (2014) e Rayane Andrade (2015), ambos dedicados a fornecer uma visão abrangente da problemática dos homicídios no estado de Pernambuco. Ratton et al. (2011), por exemplo, realizam uma análise detalhada das configurações de homicídios na cidade do Recife, apresentando um panorama de características inter-relacionadas que contextualizam tais crimes na capital pernambucana. O trabalho de Portella (2014) concentra-se na questão de gênero, investigando as circunstâncias e as dinâmicas específicas que envolvem a morte de mulheres, e lançando luz sobre as particularidades da violência dirigida ao público feminino. Andrade (2015), por sua vez, expande a análise para todo o estado, explorando as nuances sociológicas por trás dos homicídios dolosos e identificando padrões e fatores subjacentes.

Uma busca nas principais bases eletrônicas de periódicos (ScienceDirect, Scopus, JSTOR, Web of Science, Spell e Scielo) e em repositórios de livros, teses e dissertações especializadas na área de Sociologia revela a inexistência de estudos configuracionais no estado de Alagoas. Não muito distante daquilo que se observa em outras regiões do Brasil, as referências locais tendem a abordar os homicídios de forma unidimensional, ou seja, ora pelo tratamento das características das vítimas (ALVES et al., 2014; ASSIS et al., 2011; SILVA, 2011), ora pelo tratamento das características do autor do crime (agressor) (RIBEIRO, 2018), ora pelo tratamento das características do fato (agressão) (SILVA, 2018), baseando inferências a partir de dados desagregados da primeira metade dos anos 2010 e problematizando fatores que não estão sob o controle do Estado ou dimensões sobre as quais a intervenção estatal pode não ser desejável.

Essa lacuna de estudos especializados chama atenção, sobretudo quando é considerado o fato de Alagoas ter se destacado como um dos estados mais violentos do Brasil nos anos 2000 e 2010 (ver Figuras 1 e 2). Na região Nordeste, com exceção de Pernambuco, foi Alagoas o estado que apresentou as variações mais expressivas na taxa de homicídios.

Figura 1 – *Heatmap* da taxa de homicídios por 100 mil habitantes por Unidade Federativa, 1999 a 2019

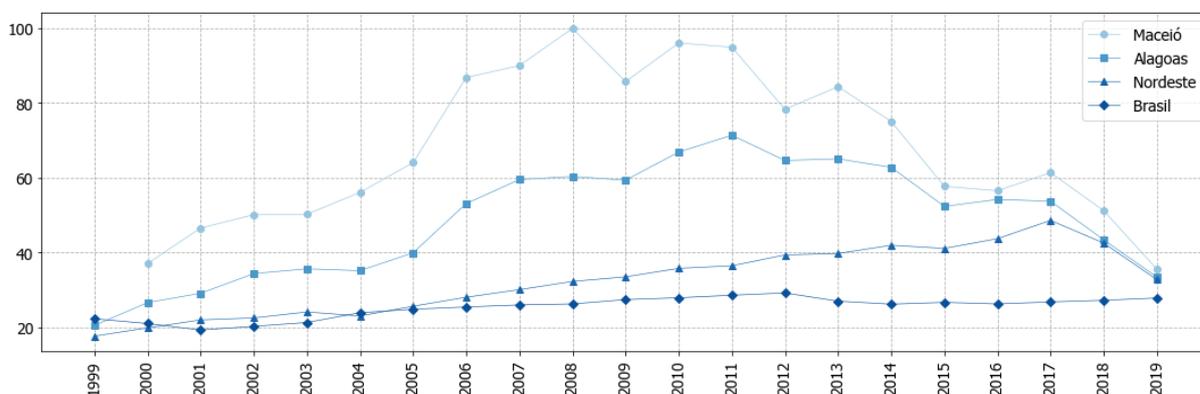


Fonte: Elaborado pelos autores com dados do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA), 2023a).

Cerca de 86% dos homicídios registrados em Alagoas entre os anos de 1999 e 2019 ocorreram na capital, Maceió. A participação de cidades da região metropolitana ou interioranas na taxa estadual de homicídios é relativamente recente. No ano de 2011, Maceió chegou a ocupar o 8º lugar no ranking dos 100 municípios mais violentos do Brasil (NASCIMENTO; GAUDÊNCIO, 2013). Em 2016, a capital alagoana assumiu a 9ª colocação do ranking das capitais mais violentas do país (FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA [FBSP], 2017), despontando, inclusive, em relatórios internacionais como uma das cidades mais violentas do mundo.

No interior da cidade, algumas regiões concentram taxas críticas de homicídios. A partir de dados desagregados dos casos de homicídio doloso notificados entre 2015 e 2017, Silva (2020) verifica que 13% dos setores censitários de Maceió apresentam taxas superiores a 100 homicídios para cada 100 mil habitantes. Trata-se de um nível de violência que é observado em contextos de guerra. Esse percentual (nada depreciável) compreende setores do Centro da cidade, da orla lagunar, das grotas e de comunidades da Zona Norte da cidade, ambas caracterizadas por altos índices de vulnerabilidade social e pela presença de grupos armados.

Figura 2 – Evolução das taxas de homicídios por 100 mil habitantes do município de Maceió, do estado de Alagoas, de Região Nordeste e do Brasil, 1999 a 2019



Fonte: Elaborado pelos autores com dados do IPEA (2023a).

Este artigo sistematiza os resultados de um estudo de caso conduzido em Maceió, utilizando como referencial teórico-metodológico o mencionado modelo configuracional. O estudo compreende uma análise descritiva de dados cedidos pelas Polícias Civil e Militar do estado de Alagoas e pela Secretaria de Estado de Ressocialização e Inclusão Social, visando mapear as configurações mais recorrentes dos homicídios dolosos ocorridos na cidade de Maceió entre os anos de 2015 e 2017.

Para além desta introdução e das considerações finais, o artigo contempla mais duas seções. A primeira, disposta a seguir, descreve de forma sintética os dados reunidos no presente estudo, o método e as técnicas empregadas em sua análise. A segunda seção, mais extensa, é dedicada à apresentação e discussão dos resultados em duas partes, sendo a primeira parte voltada para as características da agressão e a segunda, para as características das vítimas e dos agressores.

DADOS E MÉTODO

Os dados apresentados neste estudo são derivados de uma base consolidada de informações sobre 1443 casos de homicídios dolosos notificados na cidade de Maceió (AL) entre os anos de 2015 e 2017. A base é derivada de um banco de dados relacional do Núcleo de Estatística e Análise Criminal da Polícia Militar de Alagoas (NEAC), da Assessoria Técnica de Estatística e Análise Criminal da Polícia Civil de Alagoas (ASSTEAC) e da Gerência de Pesquisa e Estatística do Sistema Prisional de Alagoas da Secretaria de Estado de Ressocialização e Inclusão Social (GPESP).

A base compreende informações como: I) tipo de crime; II) local do crime (na forma de logradouro ou de coordenada geográfica); III) a data do fato; IV) o horário do fato; V) os objetos do delito (informados somente nos casos de roubo a transeunte); VI) o instrumento utilizado pelo autor do crime (arma de fogo, arma branca, etc.); VII) o meio de locomoção empregado pelo criminoso; VIII) o perfil da vítima (sexo; cor da pele; idade; estado civil e grau de escolaridade); IX) o perfil do autor do crime (sexo; cor

da pele; idade; estado civil; grau de escolaridade; se réu primário ou reincidente); e X) a motivação do crime.

Na análise dos perfis do agressor e da vítima optou-se por descrever as variáveis selecionadas comparativamente e aplicar testes estatísticos que permitissem confirmar se as diferenças observadas nos referidos perfis eram estatisticamente significativas. Utilizou-se o teste qui-quadrado para as variáveis qualitativas e a análise de variância (Anova) para as quantitativas. Nenhum dos dados empregados na pesquisa permitiu a identificação das pessoas as quais as ocorrências se referiam, dispensando a necessidade de submeter o estudo à apreciação de comitês de ética conforme os termos do inciso V do art. 1º da Resolução nº 510, de 7 de abril de 2016, da Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Características da agressão

Tempo

O número de registros de homicídio doloso ocorridos em Maceió no período de 2015 a 2017 e seu respectivo percentual encontra-se descrito na Tabela 1.

Tabela 1 – Número e percentual das ocorrências de homicídio doloso, 2015 a 2017

Ano	n	%
2015	474	32,9
2016	418	28,9
2017	551	38,2
Total	1.443	100

Fonte: Elaborado pelos autores com dados da Polícia Militar de Alagoas.

No triênio, o ano de 2017 registra o maior número de ocorrências de homicídio doloso, 551 casos (cerca de 38%). O ano de 2016, por outro lado, é aquele em que se verifica o menor número dessas ocorrências (418 casos, aproximadamente 29% do total). Já em 2015 foram notificados 476 casos de homicídio doloso (32,9%). Como se observa na Tabela 2, há entre os anos de 2015 e 2016 uma queda de 11,8% no número de ocorrências de homicídio. Entre os anos de 2016 e 2017, por outro lado, o que se constata é um aumento de aproximadamente 32%. No triênio há uma alta de 16,3% no número de casos de homicídio doloso registrados na cidade de Maceió. Diga-se de passagem, o ano de 2017 marca a inflexão do número de homicídios registrados na capital alagoana após uma tendência contínua de queda desde o ano de 2013 (CERQUEIRA et al., 2018; WASELFISZ, 2014; 2004).

Tabela 2 – Variação percentual dos registros de homicídio doloso, 2015 a 2017

Período	Δ%
2015/2016	- 11,8
2016/2017	+ 31,8

Fonte: Elaborado pelos autores com dados da Polícia Militar de Alagoas.

A Tabela 3 descreve a distribuição mensal dos casos de homicídio doloso registrados ao longo do período selecionado para o estudo. Não foram observadas no referido período nenhuma tendência marcante, a despeito de uma virtual concentração das ocorrências no primeiro trimestre de cada ano. De modo geral, registra-se um número elevado de óbitos em todos os meses do ano.

Tabela 3 – Distribuição dos casos de homicídio doloso por mês, 2015 a 2017

Mês	Ano					
	2015		2016		2017	
	n	%	n	%	n	%
Janeiro	61	12,9	31	7,4	69	12,5
Fevereiro	42	8,9	26	6,2	56	10,2
Março	35	7,4	32	7,7	65	11,8
Abril	44	9,3	32	7,7	59	10,7
Maio	31	6,5	32	7,7	27	4,9
Junho	45	9,5	26	6,2	39	7,1
Julho	36	7,6	45	10,8	39	7,1
Agosto	30	6,3	31	7,4	47	8,5
Setembro	48	10,1	32	7,7	27	4,9
Outubro	30	6,3	33	7,9	45	8,2
Novembro	34	7,2	44	10,5	39	7,1
Dezembro	38	8,0	54	12,9	39	7,1
Total	474	100	418	100	551	100
Média	39,5	-	34,8	-	45,9	-

Fonte: Elaborado pelos autores com dados da Polícia Militar de Alagoas.

A Tabela 4 descreve a distribuição diária dos casos de homicídio doloso. O que se verifica é que esse tipo de crime tende a ocorrer com maior frequência aos sábados e domingos, diferentemente dos casos de roubo a transeunte, cuja incidência é mais elevada entre segundas e sextas-feiras (NASCIMENTO, 2021). Muito embora seja possível identificar variações na distribuição dessas ocorrências pelos distintos dias da semana ao longo dos anos de 2015, 2016 e 2017, a concentração dos homicídios tende a ser maior nos finais de semana, tendência que se conserva em todo o triênio.

Tabela 4 – Distribuição dos casos de homicídio doloso por dia da semana, 2015 a 2017

Dia da semana	Ano					
	2015		2016		2017	
	n	%	n	%	n	%
Segunda-feira	81	17,1	55	13,2	79	14,3
Terça-feira	41	8,6	59	14,1	76	13,8
Quarta-feira	57	12,0	54	12,9	57	10,3
Quinta-feira	60	12,7	69	16,5	72	13,1
Sexta-feira	78	16,5	52	12,4	72	13,1
Sábado	82	17,3	55	13,2	91	16,5
Domingo	75	15,8	74	17,7	104	18,9
Total	474	100	418	100	551	100
Média Segunda a Sexta	63,4	-	57,8	-	71,2	-
Média Sábado e Domingo	78,5	-	64,5	-	97,5	-

Fonte: Elaborado pelos autores com dados da Polícia Militar de Alagoas.

A Tabela 5 descreve a distribuição por turno dos casos de homicídio doloso, conforme dados do triênio 2015-2017.

Tabela 5 – Distribuição dos casos de homicídio doloso por turno, 2015-2017

Turno	Ano					
	2015		2016		2017	
	n	%	n	%	n	%
Manhã	65	13,7	77	18,4	101	18,3
Tarde	61	12,9	57	13,6	87	15,8
Noite	146	30,8	111	26,6	143	26,0
Madrugada	202	42,6	173	41,4	220	39,9
Total	474	100	418	100	551	100
Média períodos com iluminação natural	63,0	-	67,0	-	94,0	-
Média períodos sem iluminação natural	174,0	-	142,0	-	181,5	-

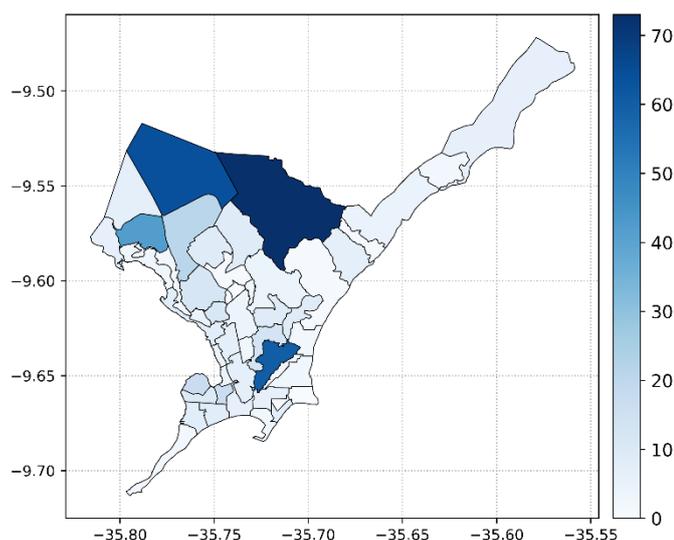
Fonte: Elaborado pelos autores com dados da Polícia Militar de Alagoas.

Semelhante ao que foi observado por Nascimento (2021) nos casos de roubo a transeunte, os crimes de homicídio tendem a ocorrer predominantemente no período noturno, ou seja, na faixa entre 18h e 0h. Esse dado sugere que a baixa visibilidade associada à ausência de iluminação natural seja um fator útil ao agressor, tanto para a sua abordagem quanto para sua fuga (FELSON, 2010). Uma outra possibilidade de interpretação dos dados descritos pela Tabela 5, vinculada às informações da Tabela 4, é a de que as ocorrências de homicídio doloso se inscrevem nos horários em que funcionam bares e outros estabelecimentos de atividade noturna. A dinâmica temporal dos crimes de homicídio demonstra uma espécie de sustentabilidade ao longo dos anos, uma vez consideradas as tendências observadas por Nascimento e Gaudêncio (2013) com base em dados dos anos de 2006 a 2011.

Espaço

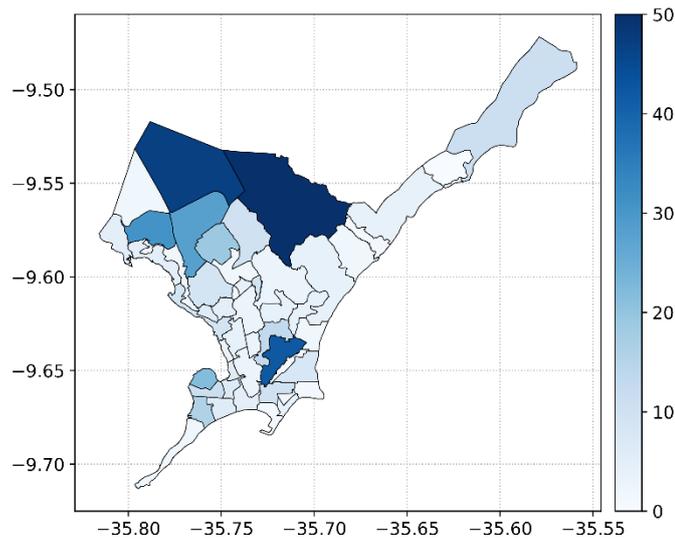
As Figuras 3, 4 e 5 ilustram a distribuição do número absoluto de homicídios nos bairros de Maceió nos anos de 2015, 2016 e 2017, respectivamente.

Figura 3 – Distribuição do número absoluto de homicídios por bairro de Maceió, 2015



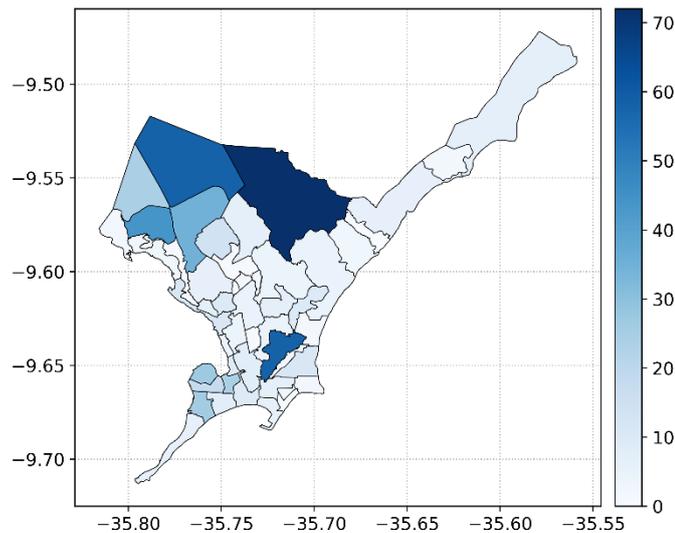
Fonte: Elaborado pelos autores com dados da Polícia Militar de Alagoas.

Figura 4 – Distribuição do número absoluto de homicídios por bairro de Maceió, 2016



Fonte: Elaborado pelos autores com dados da Polícia Militar de Alagoas.

Figura 5 – Distribuição do número absoluto de homicídios por bairro de Maceió, 2017



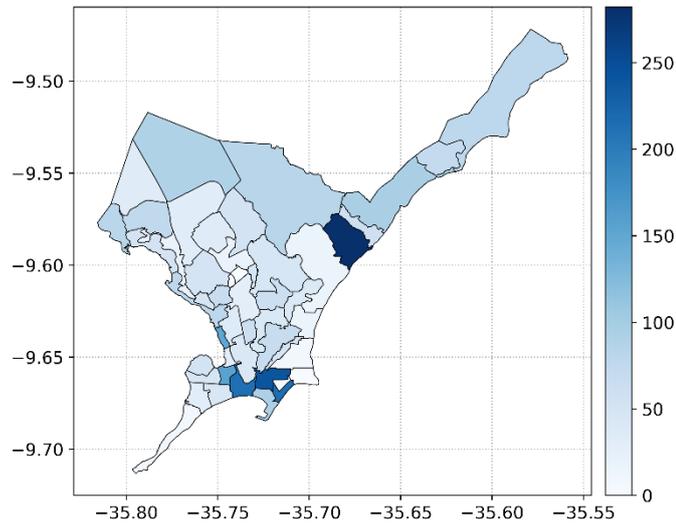
Fonte: Elaborado pelos autores com dados da Polícia Militar de Alagoas.

Os dados apresentados nos mapas revelam que a incidência de homicídios em Maceió não está distribuída de maneira uniforme por toda a cidade. Pelo contrário, existe uma clara concentração de crimes violentos em áreas específicas. Os bairros de Cidade Universitária, Benedito Bentes e Jacintinho destacam-se como os locais mais afetados por homicídios durante o período analisado. Uma observação relevante é que esses três bairros, apesar de abrigarem uma parte significativa da população da cidade, concentraram cerca de 1/3 de todos os homicídios ocorridos entre 2015 e 2017, uma proporção substancial.

No entanto, da análise das Figuras 6, 7 e 8, que descrevem as taxas de homicídio por 100 mil habitantes por bairro nos anos de 2015, 2016 e 2017, respectivamente, percebe-se que, quando ajustados os dados para considerar a população de cada bairro, a situação se torna ainda mais alarmante em alguns casos. Alguns bairros apresentam taxas de homicídios expressivamente mais altas do que outros, mesmo que registrem menos homicídios no total. Isso indica que a vulnerabilidade à violência não se atém necessariamente ao número absoluto de homicídios, e pode variar significativamente em diferentes partes da cidade. No ano de 2015, quatro bairros apresentaram taxas acima da faixa dos

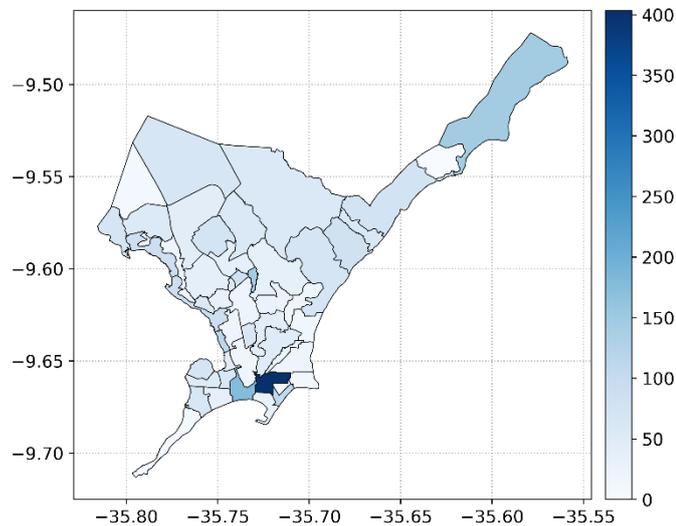
200 homicídios para cada 100 mil habitantes: Guaxuma, Poço, Pajuçara e o Centro da cidade. Em 2016, apenas o bairro do poço manteve a taxa de homicídios no mesmo patamar. Em 2017, Poço, Centro, Levada e Jaraguá foram os bairros que apresentaram as mais elevadas taxas de homicídio.

Figura 6 – Taxa de homicídios por 100 mil habitantes por bairro de Maceió, 2015



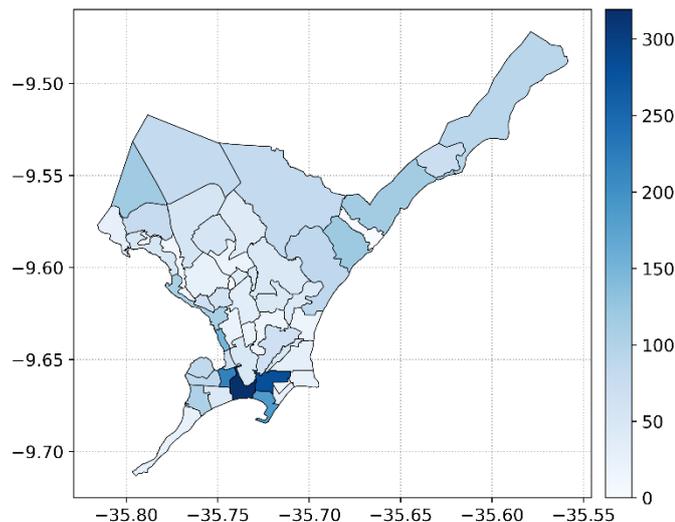
Fonte: Elaborado pelos autores com dados da Polícia Militar de Alagoas.

Figura 7 – Taxa de homicídios por 100 mil habitantes por bairro de Maceió, 2016



Fonte: Elaborado pelos autores com dados da Polícia Militar de Alagoas.

Figura 8 – Taxa de homicídios por 100 mil habitantes por bairro de Maceió, 2017



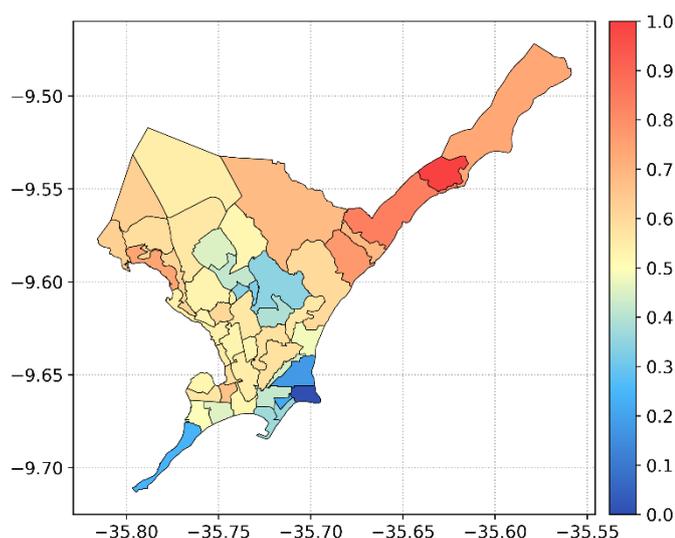
Fonte: Elaborado pelos autores com dados da Polícia Militar de Alagoas.

O que efetivamente contribuiu para a concentração dos homicídios ou para as elevadas taxas de homicídios nos bairros mencionados ao longo do período analisado? Uma resposta apropriada para essa questão foge do escopo do presente artigo. Contudo, para fins prospectivos, a literatura especializada, recomenda a correlação de indicadores sociais com o número absoluto ou com as taxas de homicídio, com o objetivo de identificar o grau de associação e significância desses indicadores para possíveis aplicações em modelos preditivos (WILSON; DALY, 1997). Assim, foi aplicada uma correlação entre o Índice de Vulnerabilidade Social (IVS) (calculado ao nível de bairro), o somatório do número de homicídios por bairro no período de 2015 a 2017 e o acumulado da taxa de homicídios por bairro no referido período.

O IVS é um indicador obtido da média aritmética de três subíndices: IVS Infraestrutura Urbana, IVS Capital Humano e IVS Renda e Trabalho. O cálculo dos subíndices baseia-se em 16 indicadores estimados a partir das variáveis dos censos demográficos para os anos de 2000 e 2010, tabulados para o Atlas do Desenvolvimento Humano no Brasil com seus respectivos pesos. Para obter um valor do IVS para o nível de bairro calculou-se a média simples dos indicadores das Unidades de Desenvolvimento Humano (UDH, menor unidade geográfica para avaliação do IVS) circunscritas aos limites do bairro de referência. Nos casos de unidades situadas em dois ou mais bairros, o valor do IVS foi replicado para o número de bairros em questão.

A Figura 9 ilustra o Índice de Vulnerabilidade Social dos bairros de Maceió. A Tabela 6, por sua vez, sintetiza os resultados da correlação entre IVS, o somatório do número de homicídios por bairro e o acumulado da taxa de homicídios por bairro entre 2015 e 2017.

Figura 9 – Índice de Vulnerabilidade Social por bairro de Maceió, 2010



Fonte: Elaborado pelos autores com dados do IPEA (2023b).

Tabela 6 – Correlação entre IVS, somatório dos homicídios por bairro e acumulado da taxa de homicídios por bairro de Maceió

	IVS	
Somatório dos homicídios (2015-2017)	Coef. Corr.	0,203
	Sig.	0,16
	n.	50
Acumulado da taxa de homicídios (2015-2017)	Coef. Corr.	0,307*
	Sig.	0,03
	n.	50

Nota: * Resultado significativo ao nível de 5% para correlação não paramétrica (rô de Spearman)

Fonte: Elaborado pelos autores.

Os resultados da correlação indicam uma associação positiva fraca entre o IVS e o somatório dos homicídios, com p-valor maior que 0,05, o que sugere que a correlação não é estatisticamente significativa. Logo a relação observada entre essas variáveis pode ser devida ao acaso, e não há evidências suficientes para afirmar que existe uma correlação real. Alternativamente, a correlação entre o IVS e o acumulado da taxa de homicídios no triênio 2015-2017 indica uma associação positiva moderada, portanto, uma correlação mais forte em comparação à correlação do primeiro cenário. Essa correlação mostrou-se estatisticamente significativa ao nível de 5%, o que significa que existe uma evidência estatística de que a correlação entre essas variáveis não é devido ao acaso, e sim uma relação real.

É importante reconhecer que a análise por bairros, tal como vem sendo feita até aqui, pode não capturar completamente todas as nuances da distribuição espacial dos homicídios. Os bairros são unidades geográficas relativamente grandes e podem conter variações significativas em termos de densidade populacional, extensão territorial e características ambientais e socioeconômicas. Portanto, enquanto a análise por bairros pode apontar para áreas que demandam mais atenção do poder público, ela pode mascarar padrões mais detalhados que podem ser revelados no exame de áreas menores. Para uma análise mais precisa e detalhada, é recomendável considerar as localidades mais objetivas, como as vias públicas, os domicílios ou outros locais onde os crimes ocorrem com mais frequência. Isso serve à caracterização do *modus operandi* dos criminosos.

Na Tabela 7 encontram-se distribuídos os casos de homicídio doloso pelo local da ocorrência.

Tabela 7 – Distribuição dos casos de homicídio doloso por local da ocorrência, 2015 a 2017

Local da ocorrência	2015		2016		2017		Total	
	n.	%	n.	%	n.	%	n.	%
Via pública	273	57,6	247	59,1	324	58,8	844	58,5
Domicílio	158	33,3	139	33,3	178	32,3	475	32,9
Hospital	35	7,4	21	5,0	40	7,3	96	6,7
Outros locais	7	1,5	11	2,6	9	1,6	27	1,9
Sem informação	1	0,2	-	-	-	-	1	0,1
Total	474	100	418	100	551	100	1443	100

Fonte: Elaborado pelos autores com dados da Polícia Civil de Alagoas.

Aproximadamente 59% dos casos de homicídio doloso notificados na capital alagoana entre os anos de 2015 e 2017 têm como local de ocorrência as vias públicas. O domicílio da vítima é apontado como local de ocorrência do crime em 32,9% dos casos. Ocorrências registradas em hospitais representam 6,7% do total dos casos.

Em uma análise estratificada a partir das variáveis “sexo” e “cor da pele” (não apresentada anteriormente) é possível observar que não houve diferença entre negros e não negros com relação ao local da ocorrência do homicídio. Por outro lado, identifica-se uma diferença marcante entre homens e mulheres vítimas: cerca de 38% dos homicídios perpetrados no domicílio tinham como vítimas indivíduos do sexo masculino enquanto que em 62% dos casos as vítimas eram do sexo feminino. Esta diferença pode estar associada ao fato de que os homens, mais que as mulheres, tendem a passar a maior parte do seu tempo fora de casa, envolvendo-se em atividades diversas, o que reflete em uma maior chance de serem vítimas da violência letal fora de casa.

Um outro fator que reserva potencial explicativo sobre a relação entre o sexo da vítima e o local da ocorrência do homicídio é a relação vítima-agressor. Mulheres tendem a ser assassinadas por um indivíduo do sexo masculino com vínculo familiar direto, indireto ou afetivo (WEISBURD, 2018), diferentemente dos homens, que nesses casos tendem a ser vítimas de um desconhecido. Dada a maior probabilidade de serem feitas vítimas por familiares, é igualmente provável que as mulheres sejam vitimadas no ambiente domiciliar, diferentemente dos homens.

Fato

A Tabela 8 apresenta a distribuição do número de ocorrências de homicídio doloso em função do instrumento empregado no fato.

Tabela 8 – Distribuição dos casos de homicídio doloso por instrumento empregado, 2015 a 2017

Instrumento empregado	2015		2016		2017		Total	
	n.	%	n.	%	n.	%	n.	%
Arma de fogo	289	61,0	231	55,3	352	63,9	872	60,4
Arma branca	137	28,9	106	25,4	149	27,0	392	27,2
Força física	32	6,8	44	10,5	23	4,2	99	6,9
Outros meios	6	1,3	15	3,6	11	2,0	32	2,2
Sem informação	10	2,1	22	5,3	16	2,9	48	3,3
Total	474	100	418	100	551	100	1443	100

Fonte: Elaborado pelos autores com dados da Polícia Civil de Alagoas.

Como se observa, as armas de fogo são os instrumentos mais utilizados pelos criminosos nos casos de homicídio doloso (constam em 60,4% dos registros). As armas brancas assumem a segunda posição do ranking, respondendo pela parcela de 27,2% dos casos, seguidas da força física, 6,9% dos registros.

Também é de se notar o aumento expressivo de ocorrências de homicídio com armas de fogo entre os anos de 2016 e 2017, cerca de 52%.

A Tabela 9 descreve a distribuição dos registros de homicídio doloso pelo número de autores envolvidos no fato.

Tabela 9 – Distribuição dos casos de homicídio doloso por número de autores, 2015 a 2017

Número de autores	2015		2016		2017		Total	
	n.	%	n.	%	n.	%	n.	%
1	149	31,4	163	39,0	155	28,1	467	32,4
2	226	47,7	188	45,0	347	63,0	761	52,7
3	12	2,5	21	5,0	15	2,7	48	3,3
4 ou mais	8	1,7	6	1,4	8	1,5	22	1,5
Sem informação	79	16,7	40	9,6	26	4,7	145	10,0
Total	474	100	418	100	551	100	1443	100

Fonte: Elaborado pelos autores com dados da Polícia Civil de Alagoas.

Os casos em que se observa a participação de um único autor representam 32,4% do total das ocorrências. A autoria de mais da metade dos homicídios dolosos registrados na cidade de Maceió no triênio 2015-2017 é atribuída a uma dupla (aproximadamente 53% dos casos). Homicídios cuja autoria é atribuída a três ou mais indivíduos correspondem a 4,6% dos casos registrados no período selecionado para este estudo.

A Tabela 10 descreve as principais motivações dos casos de homicídio doloso referentes do ano de 2017 aos quais foi possível obter acesso aos dados do autor do crime (231 casos).

Tabela 10 – Distribuição dos casos de homicídio doloso por motivação, 2017

Motivação	2017	
	n.	%
Conflitos familiares	8	3,5
Passional	45	19,5
Conflitos interpessoais com drogas	17	7,4
Conflitos interpessoais sem drogas	73	31,6
Dinâmica da criminalidade	68	29,4
Outros motivos	12	5,2
Sem informação	8	3,5
Total	231	100

Fonte: Elaborado pelos autores com dados da Polícia Civil de Alagoas.

Os conflitos interpessoais sem envolvimento de álcool ou outras drogas motivaram 31,6% dos homicídios da amostra analisada, sendo a principal motivação verificada. A dinâmica da criminalidade esteve no cerne de 29,4% dos casos analisados, seguida dos homicídios passionais, motivação apontada em 19,4% dos casos. Estratificados pelas categorias “sexo” e “cor da pele”, os dados (não apresentados anteriormente) revelaram diferenças expressivas: a autoria de 73,2% dos homicídios motivados por conflitos interpessoais sem drogas é creditada a indivíduos do sexo masculino. Nesses casos as vítimas também são preponderantemente do sexo masculino. Por outro lado, são mulheres as responsáveis por 53% dos homicídios passionais. Entre os grupos raciais, os autores de crimes motivados por conflitos interpessoais com drogas e pela dinâmica da criminalidade são preponderantemente negros (82% e 79,5% respectivamente). Para ambas as categorias de

estratificação dos dados as diferenças apontadas se mostraram estatisticamente significantes ao nível de 1% pelo teste qui-quadrado.

Características das vítimas e dos agressores

A Tabela 11 reúne dados sobre o perfil sociodemográfico das vítimas e dos autores dos crimes de homicídio doloso registrados na cidade de Maceió entre os anos de 2015 e 2017. É preciso reiterar que as características inscritas nesses perfis devem ser interpretadas a partir de sua frequência na análise dos casos.

Tabela 11 – Perfil social da vítima e do autor do crime de homicídio doloso, 2015 a 2017

Variável	Vítima		Agressor	
	n.	%	n.	%
Sexo				
Feminino	441	30,6	47	20,4
Masculino*	1.002	69,4	184	79,6
Cor da pele	n.	%	n.	%
Branca	184	12,8	51	22,1
Parda*	463	32,1	78	33,8
Preta	759	52,6	101	43,7
Outros	37	2,5	1	0,4
Faixa etária	n.	%	n.	%
0 a 9 anos	2	0,1	-	-
10 a 14 anos	76	5,3	5	2,2
15 a 19 anos*	242	16,8	53	22,9
20 a 24 anos*	534	37,0	102	44,2
25 a 29 anos	312	21,6	40	17,3
30 a 39 anos	178	12,3	16	6,9
40 a 49 anos	60	4,2	11	4,8
50 a 59 anos	27	1,9	3	1,3
60 anos ou mais	12	0,8	1	0,4
Grau de escolaridade	n.	%	n.	%
Analfabeto	67	4,6	18	7,8
Ensino básico	339	23,5	23	10,0
Ensino fundamental*	718	49,8	136	58,9
Ensino médio	122	8,5	26	11,3
Ensino superior	36	2,4	1	0,3
Sem informação	161	11,2	27	11,7
Estado civil	n.	%	n.	%
Solteiro*	757	52,5	133	57,6
Casado	601	41,7	95	41,1
Outros	32	2,2	3	1,3
Sem informação	53	3,6	-	-
Total	1443	100	231	100

Nota: * Diferenças estatisticamente significativas ao nível de 1% segundo teste qui-quadrado para variáveis qualitativas e Anova para variáveis quantitativas.

Fonte: Elaborado pelos autores com dados da Polícia Militar, da Polícia Civil e da da Secretaria de Ressocialização e Inclusão Social do estado de Alagoas.

Levando-se em consideração as tendências descritas por Nascimento e Gaudêncio (2013) sobre os casos registrados na capital alagoana entre os anos de 2006 e 2011, é possível afirmar que nos últimos dez anos o perfil das vítimas de homicídio doloso em Maceió não se alterou: são majoritariamente homens, jovens (com idade entre 15 e 29 anos), negros, pouco escolarizados e solteiros. Essa

“conservação” do perfil da vítima no curso da década constitui um forte indicativo do caráter estrutural das desigualdades e de outros fatores sociais que subsidiam a ocorrência desses crimes, não apenas em Maceió, mas em todo território nacional (CERQUEIRA et al., 2019; 2018; FBSP, 2017; 2016; 2015; SAPORI; SOARES, 2015; WAISELFISZ, 2014).

Apreende-se também da Tabela 11 que os autores dos homicídios são em sua maioria homens, jovens (com idade entre 20 e 24 anos), negros, pouco escolarizados e solteiros. Visualiza-se, portanto, uma equivalência real entre o perfil da vítima de homicídio e o perfil do agressor. Dos 231 registros dos quais foi possível obter informações do histórico criminal dos envolvidos nos casos de homicídio, 207 (89,7%) se referiam a réus primários e 24 (10,3%) a reincidentes (dados não apresentados anteriormente).

Foge do escopo deste artigo apresentar uma análise aprofundada dos contextos de vulnerabilidade social ou das sociabilidades que desempenham um papel na delimitação do perfil da vítima ou do autor do crime de homicídio na cidade de Maceió no período selecionado para este estudo, muito embora seja mais que devida a importância da discussão desses fatores e o potencial reservado para a compreensão da dinâmica da violência homicida em nível local. Não se pode, contudo, diante dos limites estabelecidos para o presente artigo, assumir o risco de relegar aspectos importantes no tratamento da questão ou de deslocar o foco do estudo restringindo-o a um exercício de imaginação sociológica sem contribuição empírica.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo teve como objetivo analisar os aspectos configuracionais dos casos de homicídio doloso ocorridos na cidade de Maceió (AL) entre os anos de 2015 e 2017. Com base nos dados apresentados, foi possível identificar: I) os homicídios dolosos notificados em Maceió entre 2015 e 2017 ocorreram de maneira relativamente uniforme ao longo dos meses do triênio, sendo mais frequentes aos finais de semana (sábados e domingos) no período da noite; II) o instrumento mais utilizado pelos algozes é a arma de fogo; III) muito embora a maioria dos homicídios dolosos tenha ocorrido em vias públicas, nos casos em que o local da ocorrência é o ambiente domiciliar, diferenças estatisticamente significantes são percebidas com relação ao sexo da vítima, que no referido caso são preponderantemente do sexo feminino; IV) muito embora a dinâmica da criminalidade tenha sido apontada como a principal motivação dos homicídios analisados, nos casos dos crimes passionais, diferenças estatisticamente significantes são percebidas com relação ao sexo do agressor, que no referido caso são preponderantemente do sexo feminino; V) em linhas gerais, os agressores são em sua maioria homens, negros, jovens e pouco escolarizados, que atuam na maior parte dos casos em dupla; VI) as vítimas apresentam um perfil semelhante ao dos agressores: são em sua maioria homens, negros, jovens e pouco escolarizados; VII) as equivalências entre o perfil da vítima e do autor do crime sugerem que estes sejam coabitantes de uma mesma comunidade e, dada a principal motivação verificada, que ambos estejam envolvidos em atividades ilícitas.

Embora de natureza descritiva, esta discussão sobre os padrões dos homicídios dolosos em Maceió constitui um primeiro passo importante para compreender a natureza da violência interpessoal na cidade. O presente estudo poderá subsidiar análises sobre a variação de características estruturais teoricamente relevantes ao longo do tempo (como pobreza, desorganização social e níveis agregados de consumo de álcool e drogas) para verificar como elas influenciam nas taxas de homicídio em nível intraurbano. Dada a variação dessas condições sociais nas diversas regiões da cidade, também será possível examinar suas correlações transversalmente com o objetivo de identificar e explicar algumas tendências espaciais nas taxas de homicídio na capital alagoana.

É inegável que o esforço de pesquisa aqui apresentado desempenha um papel analítico importante e benéfico para futuras análises semelhantes. A tentativa de aplicar um enfoque teórico-metodológico que permita a integração de elementos micro e macrosociológicos, considerando tanto as particularidades de cada caso quanto as tendências gerais entre os diversos tipos de homicídios, abordando aspectos estruturais e dinâmicos para compreender o fenômeno homicídio, representa um avanço significativo na compreensão desse tema. O modelo configuracional, ao articular essas diferentes perspectivas, evita análises simplistas ou reducionistas, contribuindo tanto para a compreensão do homicídio quanto para o desenvolvimento de políticas públicas mais eficazes no combate a esse problema.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pelas bolsas concedidas para a realização das pesquisas de mestrado e doutorado das quais resulta este artigo.

Agradecemos também aos pareceristas pelas sugestões que contribuíram para a melhoria deste trabalho.

REFERÊNCIAS

- ADORNO, S. Exclusão socioeconômica e violência urbana. **Sociologias**, n 8., 2002. <https://doi.org/10.1590/S1517-45222002000200005>
- ALVES, W. A. et al. Violência letal em Maceió-AL: estudo descritivo sobre homicídios, 2007-2012. **Epidemiologia e Serviços de Saúde**, v. 23, p. 731-740, 2014. <https://doi.org/10.5123/S1679-49742014000400015>
- ANDRADE, R. **Configurações de homicídios dolosos em Pernambuco**: Uma investigação sociológica. 2015. Tese (Doutorado em Sociologia) - Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Universidade Federal de Pernambuco, Recife.
- ASSIS, M. A. et al. Análise do Perfil sociodemográfico dos casos de homicídios ocorridos em Maceió, AL, 2007 A 2009. **Revista Semente**, v. 6, n 6, 2011.
- BORGES, D.; RIBEIRO, E.; CANO, I. Qualidade dos dados de homicídio na América Latina. **Mediações - Revista de Ciências Sociais**, v. 26, n 3, p. 639-658, 2021. <https://doi.org/10.5433/2176-6665.2021v26n3p658>
- FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA (FBSP). **11º Anuário Brasileiro de Segurança Pública**. 2017. Disponível em: <http://www.forumseguranca.org.br/publica/>. Acesso em: 07 fev. 2022.
- INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA (IPEA). **Atlas da Violência**. Homicídios. Disponível em: <https://www.ipea.gov.br/atlasviolencia/filtros-series/1/homicidios>. Acesso em: 06 out. 2023a.
- INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA (IPEA). **Atlas da Vulnerabilidade Social nos Municípios**. Índice de Vulnerabilidade Social. Disponível em: <http://ivs.ipea.gov.br/index.php/pt/>. Acesso em: 06 out. 2023b.
- NASCIMENTO, F. L. Roubos em Maceió (AL): modus operandi e fatores associados à vitimização. **Diversitas Journal**, v. 6, n 3, 3477–3497, 2020. https://doi.org/10.48017/Diversitas_Journal-v6i3-1845.
- NASCIMENTO, E. O.; GAUDENCIO, J. C. Homicídios em Alagoas: desafios e evidências empíricas. **Latitude**, v. 7, p. 109-132, 2013. <https://doi.org/10.28998/2179-5428.20130207>
- PORTELLA, A. P. **Como morre uma mulher?** Configurações da violência letal contra mulheres em Pernambuco. 2014. Tese (Doutorado em Sociologia) - Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Universidade Federal de Pernambuco, Recife.
- RATTON, J. L. et al. Configurações de homicídios em Recife: um estudo de caso. **Segurança, Justiça e Cidadania: Pesquisas Aplicadas em Segurança Pública**, v. 6, p. 73-90, 2011.
- RIBEIRO, D. F. Mortos ou presos: estudo sobre o perfil de vítimas e de autores de homicídios em Alagoas à luz da dialética discurso x prática social. **Diversitas Journal**, v. 3, n 3, p. 889-900, 2018. <https://doi.org/10.17648/diversitas-journal-v3i3.686>
- RIBEIRO, E.; CANO, I. Vitimização letal e desigualdade no Brasil: evidências em nível municipal. **Civitas - Revista de Ciências Sociais**, v. 16, p. 285-305, 2016. <https://doi.org/10.15448/1984-7289.2016.2.23066>
- SILVA, A. F. **Economia do crime**: uma análise dos possíveis determinantes da criminalidade em Alagoas. 2018. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Ciências Econômicas) - Unidade Santana do Ipanema. Universidade Federal de Alagoas, Maceió.
- SILVA, F. L. **N Nunca muito custou pouco**: o custo da violência no estado de Alagoas. 2011. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Ciências Sociais) - Instituto de Ciências Sociais. Universidade Federal de Alagoas, Maceió.
- SILVA, F. L. **N Dinâmicas intraurbanas e mobilidade criminal**: uma análise “ecológica” da criminalidade em Maceió (AL). 2020. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Instituto de Ciências Sociais. Universidade Federal de Alagoas, Maceió. Disponível em: <http://www.repositorio.ufal.br/handle/riufal/6808>. Acesso em: 07 fev. 2022.

WASELFISZ, J. J. **Relatório de desenvolvimento juvenil 2003**. [s. n.]:[s. l.], 2004.

WASELFISZ, J. J. **Os jovens do Brasil: mapa da violência 2014**. Brasília: Secretaria Nacional de Juventude, 2014.

WILSON, M.; DALY, M. Life expectancy, economic inequality, homicide, and reproductive timing in Chicago neighbourhoods. **Bmj**, v. 314, n. 7089, p. 1271, 1997.

<https://doi.org/10.1136/bmj.314.7089.1271>

WEISBURD, D. From criminals to criminal contexts: reorienting crime prevention research and policy. In: WARING, E.; WEISBURD, D. (Eds.). **Crime and social organization** New York: Routledge, 2018, p. 215-234. <https://doi.org/10.4324/9781351325882-9>